

Sobre a função dos aspectos imateriais no ato de ler: Jakubinskij, Vološinov, Bakhtin e Foucambert

On the function of immaterial aspects in the act of reading: Jakubinskij, Vološinov, Bakhtin and Foucambert

<https://doi.org/10.34112/2317-0972a2020v38n78p19-33>

DAGOBERTO BUIM ARENA¹

RESUMO: Jakubinskij introduz nos estudos de linguagem nos princípios do século XX na Rússia o conceito de massa aperceptiva, entendido como o conjunto de experiências e vivências formadoras do psiquismo que dão as condições para a apropriação das criações culturais humanas, entre as quais os atos culturais de ler, e que, por essa razão, permitem as trocas culturais. Esse conceito ecoa em obras de outros pesquisadores, com nomes similares. Por isso, este artigo tem o objetivo de mapear conceitos próximos, encontrados em herdeiros diretos de Jakubinskij –Vološinov, Bakhtin e Vigotski – e em um outro não russo, na segunda metade do século XX, Jean Foucambert. Para isso, a metodologia recomenda cotejar seus trabalhos para alinhar traços comuns entre esses estudiosos quando deslocam a prioridade do leitor para o aspecto imaterial de suas experiências e reservam a função de instrumentos para as marcas gráficas.

PALAVRAS-CHAVE: Jakubinskij; massa aperceptiva; ato de ler.

ABSTRACT: Jakubinskij introduces in the language studies in the early twentieth century in Russia the concept of aperceptive mass, understood as the set of experiences that form the psyche and that give the conditions for the appropriation of human cultural creations, including acts reading and therefore allow cultural exchanges. This concept echoes in

1. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Marília, São Paulo, Brasil.

works by other researchers with similar names. Therefore, this article aims to map close concepts found in direct heirs of Jakubinskij -Vološinov, Bakhtin and Vigotski – and in another non-Russian, in the second half of the twentieth century, Jean Foucambert. For this, the methodology recommends collating their works to align common traits among these scholars when they shift the reader's priority to the immaterial aspect of their experiences and reserve the function of instruments for graphic brands.

KEYWORDS: Jakubinskij; apperception; act of reading.

INTRODUÇÃO

Entre tantas abordagens possíveis no interior do imenso universo da pesquisa, seja qual for a área, o ato de ler ocupou e continua a ocupar amplos espaços de debates, notadamente no campo específico do ensino para onde convergem os estudos desse ato indócil. A escolha do ponto de abordagem se ampara na visão de que o ato de ler histórico-sócio-cultural construído pelos homens é o objeto a ser ensinado. Não seria possível conceber o ato de ler como objeto fora do homem. Se o homem não se aparta do objeto, isto é, do ato de ler, ele então o encarna. A característica indócil do ato que impede sua conformação como objeto isolado revela que os homens o praticam em situações múltiplas, em suportes múltiplos, com intenções múltiplas. Há, por isso, que considerar nessa multiplicidade de atos a relação dialógica entre quem registra seu pensamento verbalizado, em suportes fora da mente, com quem se encontra com esses registros, disposto ao diálogo. Há ainda que considerar a troca cultural feita entre homens, por meio da linguagem verbal escrita, que vai compor o seu psiquismo.

Entre todos esses apontamentos constituintes dos atos múltiplos de ler, é preciso eleger o tema nuclear a ser abordado, sem desqualificar os demais, que, girando em seu redor, o compõem. Esse tema ganha os seus contornos ao dirigir seu olhar para o homem que vai apreender os atos e que por eles vai conceber o mundo. Ensinar os atos é legar às gerações emergentes os atos criados e organizados pelas precedentes. O tema, por isso, se encaminha para o estudo dos encontros verbais escritos entre homens – crianças, adolescentes ou adultos – cada um com seu conhecimento, com suas vivências (*das Erlebnis*) e com suas experiências (*die Erfahrung*).

O artigo tem o objetivo de destacar o aspecto imaterial do ato de ler, representado pelo conjunto de vivências e de experiências culturais que compõe o psiquismo do leitor, e a sua relação com os aspectos materiais visíveis, representados pelos

signos verbais registrados nos suportes, organizados em gêneros, registrados pelo escrevente, que ocupa o outro polo de relações de trocas mediadas pela escrita. O ponto de partida será, por essa razão, o conceito de *massa aperceptiva* desenvolvido pelo linguista russo Jakubinskij nas duas primeiras décadas do século XX.

Anunciado o objetivo, é preciso obedecer a uma metodologia que se apoie em recortes do pensamento de autores que se debruçaram sobre o conceito de massa aperceptiva, ou de outros que dele se aproximam, para compreendê-lo, para perceber o seu papel nuclear na aprendizagem dos atos culturais de ler e para apontar o grau de importância que a ele atribuem reconhecidos teóricos desse campo. A escolha teórica me encaminha para pesquisadores russos da filosofia da linguagem do início do século XX, especificamente para dois de seus expoentes conhecidos no Ocidente – Vološinov² (1895-1936) e Bakhtin (1895-1975) – e para a psicologia referenciada no Brasil como teoria histórico-cultural ou enfoque histórico-cultural, especificamente para seu representante mais conhecido, Vigotski (1896-1934). Entre essas duas áreas há um nó comum em uma rede de estudos sobre linguagem, cujas laçadas passam por Jakubinskij (1892-1945), professor de Vološinov. O que interessa é encontrar o conceito de massa aperceptiva, desenvolvido por Jakubinskij, nas obras dos outros três, quando tocam nas relações entre os homens mediadas pelo texto verbal escrito. Deles distante geograficamente e temporalmente, encontra-se outro estudioso da linguagem e do ensino dos atos culturais de ler. Desde a década de 1970, Jean Foucambert, na França, destacava os aspectos visuais e culturais do ato de ler. Este ensaio toma como fio metodológico o conceito primeiro de massa aperceptiva para encontrar conceituações que dele se aproximam.

APERCEPÇÃO E MASSA APERCEPTIVA

A tradução de textos dispersos de Jakubinskij do russo para o francês feita por Irina Ivanova e Patrick Sériot deu origem em francês à obra *Lev Jakubinskij, une linguistique de la parole*³ (URSS, 1920-1930), que abriga, entre outros, o artigo *Sobre a fala dialogal*, já traduzido do francês para o português brasileiro. É nesse trabalho que Jakubinskij elabora o conceito de massa aperceptiva, derivado do conceito de *apercepção*, elaborado anteriormente por Leibniz (1646-1716), segundo nota de

2. A ortografia do nome obedece à tradução francesa utilizada neste artigo.

3. As citações traduzidas do francês são de responsabilidade do autor deste artigo.

rodapé dos tradutores: “o termo *apperzeption*, cunhado por Leibniz em 1714 em sua *Monadologia*, designa, segundo ele, uma clara tomada de consciência do objeto de conhecimento, em oposição à percepção não consciente” (JAKUBINSKIJ, 2012, p. 168). Outra nota de rodapé, importante para entender as referências de Jakubinskij, é a que inserem os tradutores para indicar que é de William James (1842-1910) que ele retoma o conceito de massa *aperceptiva*: “Jakubinskij utiliza essa expressão de acordo com William James, no sentido de conjunto de experiências e saberes anteriores necessários à compreensão e à interpretação de uma ação ou de um enunciado” (JAKUBINSKIJ, 2012, p. 168).

Dessa nota, dois desdobramentos devem ser encaminhados para comentários: a respeito do conjunto de experiências e saberes anteriores e a respeito da necessidade deles para a compreensão e interpretação de enunciados. Esses dois postulados são as bases sobre as quais se apoia este ensaio ao insistir no caráter essencial do aspecto imaterial do ato de ler, isto é, da compreensão, ou, dito de outro modo, do diálogo entre quem escreve e quem lê. O primeiro comentário exige a retomada dos conceitos de *das Erlebnis* e de *die Erfahrung* já anunciados, porque especificam vivência e experiência, constituintes da consciência e, portanto, a base de onde parte o leitor para se encontrar com o escritor. Enquanto as experiências são apropriadas na partilha dos conhecimentos entre os homens, as vivências ganham as características do que é emocionalmente sentido nas situações da vida, mas tornadas conscientes por meio dos signos. Tilkowski (2012, p. 159), em seus estudos sobre os traços de Dilthey (1833-1911) em Volóchinov, retoma esses dois conceitos. Tilkowski retoma e reexplica, na citação abaixo, o conceito de vivência em Dilthey, e o conceito de experiência em Zacaï-Reiners:

[...] Dilthey designa por “vida” a percepção interna dos fatos psíquicos como um conjunto coerente, evidente, claro e distinto, cuja autenticidade (diferentemente do mundo psíquico estudado pela ciências da natureza), não pode ser colocada em dúvida (Dilthey, [1894] 1947, p. 189). De onde a importância dada ao conceito de “vivência” (*Erlebnis*), que Dilthey distingue da noção de “experiência” (*Erfahrung*) como percepção da realidade exterior (v. Zacaï-Reyners, 1995, p. 24.). A “vivência” individual constitui a base sobre a qual os homens se compreendem e aprendem os produtos de suas atividades.

São as vivências e as experiências que vão compor o conceito de massa aperceptiva retomado por Jakubinskij como o dado fundamental para a troca dialógica entre locutor e ouvinte, entre escritor e leitor. Se for pouco nutrida pelas experiências e vivências, a massa se esvazia e estanca a formação do leitor. Para melhor compreender a natureza específica dos traços distintos e próximos entre vivência e experiência, é necessário recorrer a dois verbetes de um dicionário alemão-português e em seguida a um dicionário de filosofia para ligar novamente o conceito de vivência a Dilthey. No primeiro caso (LANGENSCHIEDTS TASCHENWÖRTERBUCH, 2011, p. 835 e 833), o verbo *erleben* tem seus correspondentes em português *viver, presenciar, assistir, vivenciar*, e o substantivo *das Erlebnis*, dele derivado, indica *aventura, emoção, vivência*. O verbo *erfahren* recomenda em português a correspondência *chegar a saber* e, quando seguido de preposição *aus* (de, origem), indica *por experiência*. O substantivo *die Erfahrung* seria *experiência*. O dicionário Abbagnano de Filosofia registra que o conceito de vivência foi utilizado por Dilthey como *experiência vivida*, “instrumento fundamental da compreensão histórica e, em geral, da compreensão inter-humana” (ABBAGNANO, 2000, p. 1006). Conclui-se, desse conjunto de dados, que vivência e experiência são conceitos distintos, ambos constituintes da massa aperceptiva, base sobre a qual se instala o conceito de compreensão dialógica entre os homens e, aqui, em específico, base da relação de troca verbal entre escritor e leitor, mediatizados pela linguagem escrita.

Jakubinskij insiste nessas funções:

A massa aperceptiva, que determina nossa percepção, inclui os elementos *constantes e estáveis*, que são formados entre nós pelas influências *constantes e repetitivas* de nosso próprio *meio ambiente* (ou de nossos meios), e os elementos *transitórios*, que aparecem nas condições a cada vez diferentes de um momento dado. São, claro, os primeiros os fundamentais; os segundos aparecem sobre o fundo dos primeiros, modificando-os e complexificando-os. A parte constitutiva desses primeiros elementos é formada, antes de tudo, pelos elementos *verbais*, quer dizer, simplesmente pelo conhecimento de uma língua [*jazyk*] dada e pelo domínio de seus diversos estereótipos [*sablony*] (JAKUBINSKIJ, 2012, p. 109. Grifos no original).

Nessa citação nos interessam os conceitos do que é estável e transitório no conjunto da massa aperceptiva. Os elementos verbais constituintes da língua escrita dão estabilidade aos registros gráficos, alinhavados em estereótipos, ou seja,

em gêneros dos enunciados, nos quais se encontrarão escritor e leitor em trocas dialógicas culturais, transitórias, isto é, instáveis, que se modificam e se complexificam ininterruptamente à medida que os homens, em troca, realimentam as suas vivências e experiências; em suma, renutrem a sua massa aperceptiva, necessária para a compreensão inter-humana. Ao comentar e destacar que as abreviações e omissões não são simples curiosidades linguísticas, mas parte de um jogo entre escritor e leitor, ele já insistia que nós não percebemos “todos os elementos da palavra, mas somente os necessários entre eles, completando o resto por uma ‘conjectura’, reposicionando pela assimilação a massa aperceptiva, determinada diretamente pela sequência verbal que precede a percepção de uma palavra dada” (JAKUBINSKIJ, 2012, p. 113).

O ato cultural de ler compreende, desse modo, o conhecimento da língua, que serve de mediação estável, mas esse conhecimento é insuficiente, porque é o conjunto de conhecimentos a ser trocado entre escritor e leitor que lhe dá condições de existência. Dito de outro modo, os conhecimentos partilhados entre escritor e o leitor equivalem a um terreno comum bem preparado, onde “um grão de estimulação verbal externa deve cair [...] e deve poder aí germinar” (JAKUBINSKIJ, 2012, p. 115). A compreensão germina no campo do diálogo entre escritor e leitor, amalgamados por vivências e experiências aproximadas, constituintes de sua massa aperceptiva com traços comuns:

Nós compreendemos e percebemos tanto melhor a palavra do outro em uma conversação quanto mais nossa massa aperceptiva for comum com aquela do nosso interlocutor. É por isso que a palavra do nosso interlocutor pode ser incompleta e bem alusiva; e, inversamente, mais importante é que quanto mais há diferença entre as massas aperceptivas dos interlocutores, mais a compreensão é dificultada (JAKUBINSKIJ, 2012, p. 119).

Para concluir os comentários dos apontamentos de Jakubinskij, e com o intuito de aproximá-lo das observações a respeito do ato de ler de Foucault, é necessário inserir suas palavras sobre a alusão e a conjectura, isto é, sobre o fato de a linguagem apenas sugerir, sem explicitamente dizer. Para ele, no campo do ato cultural de ler, “a compreensão por conjectura e o fato de se falar por alusões, se se sabe “do que se trata”, por uma certa comunidade de massas aperceptivas de interlocutores – tudo isso joga um *papel considerável* ao longo da troca verbal” (JAKUBINSKIJ, 2012, p. 123. Grifos no original).

VOLOŠINOV: DIÁLOGO, COMPREENSÃO E CONHECIMENTOS
PARTILHADOS

Aluno de Jakubinskij quando fazia a tese de doutorado que deu origem a *Marxismo e filosofia da linguagem*, Vološinov a ele se refere para lhe dar os créditos a respeito do conceito de diálogo, na Rússia daqueles tempos: “encontra-se na Rússia apenas uma obra consagrada ao problema do diálogo do ponto de vista da linguística: L. P. Jakubinskij ‘*O dialogicekoj reci*’. [Sur la parole dialogique], in *Russakaja rec*, Petrograd, 1923”. (VOLOŠINOV, 2010, p. 365, nota de rodapé. Grifos no original). Vološinov não cita diretamente Jakubinskij ao se referir ao conceito de *massa aperceptiva*, mas emprega a expressão *fundo aperceptivo*, constituído pela vivência. Enfatiza o conceito de apreciação, que se manifesta quando leitor e escritor se encontram no terreno comum em que se dá o diálogo:

Com efeito, não é um ser humano mudo privado de enunciado que apreende o discurso do outro, mas um ser humano repleto de enunciados interiores. Toda a sua vivência, aquilo que se chama o fundo aperceptivo, é dada na linguagem do enunciado interior e é por esse meio que ele entra em contato com o enunciado recebida do exterior. A palavra entra em contato com a palavra (VOLOŠINOV, 2010, p. 369).

São três os períodos da citação. Cada qual revela um Jakubinskij ali escondido, em diálogo com Vološinov, porque este não é um leitor do outro desprovido de vivências e experiências, nem de massa aperceptiva, nem de intenção de apreciação em relação às ideias do mestre. O primeiro período reforça a mesma ideia ao considerar o leitor um ser prenhe de enunciados interiorizados pela experiência e pela vivência, esta última fundida, no segundo período, com o fundo aperceptivo que dá, ao enunciado do escritor, a condição de se encontrar com o enunciado do leitor. No terceiro período, o conceito de diálogo de Jakubinskij é confirmado por Vološinov, ao promover o encontro entre duas palavras, entre dois enunciados, entre dois discursos, o de quem escreve e o de quem lê.

Há outros tantos trechos em Vološinov nos quais se pode divisar o dedo de Jakubinskij. Neste que abaixo vem transcrito, a natureza estável dos elementos verbais e a natureza flexível do conjunto composto pela massa aperceptiva se manifestam no pensamento do discípulo ao analisar o fenômeno da compreensão:

O objeto principal da compreensão não é somente reconhecer uma forma linguística usada pelo locutor como forma conhecida, como ‘isso mesmo’, como se identifica precisamente, por exemplo, um sinal ao qual não se está ainda suficientemente habituado, ou uma forma de uma língua mal conhecida. Não, o objeto da compreensão consiste essencialmente não em identificar uma forma utilizada, mas em compreender em um contexto concreto dado, compreender seus sentidos em um enunciado dado, quer dizer, em compreender a novidade, e não simplesmente reconhecer a identidade (VOLOŠINOV, 2010, p. 257).

Observações semelhantes serão encontradas logo mais em Bakhtin (2016). O embate do leitor com a palavra do outro não se situa na forma sempre estável, mas no universo cambiante do enunciado concreto, além do reconhecimento da identidade da palavra, no vasto campo impreciso dos sentidos.

Fazer parte da mesma comunidade linguística não é condição de troca verbal. É necessário participar da organização social comum e organizada, a mesma em que se banham os enunciados trocados envolvidos pela mesma atmosfera social, no mesmo terreno de massas aperceptivas comuns, porque “é preciso que esses dois indivíduos estejam englobados na unicidade de uma situação social de proximidade imediata, quer dizer, que eles se encontrem, homem a homem, num terreno bem definido” (VOLOŠINOV, 2010, p. 211). Jakubinskij impregna o pensamento de Volóchinov com o conceito de diálogo e de massa aperceptiva. A discussão ideológica, a palavra comum como meio de troca verbal, a situação social que envolve os homens em diálogo e o terreno comum da partilha repercutem as mesmas palavras de Jakubinskij, registradas de outro modo. Nessa mesma linha, tece o conceito do ato de ler e da compreensão da palavra escrita como ato responsivo: “Nós tivemos a ocasião de falar do tipo filológico de compreensão passiva, que exclui *a priori* toda resposta. Ao contrário, toda compreensão autêntica tem um caráter ativo e constitui um esboço de resposta” (VOLOŠINOV, 2010, p. 337).

OS TRAÇOS EM BAKHTIN

Apesar de não ter sido aluno direto de Jakubinskij, Bakhtin sorvia, via Vološinov, as gotas do seu pensamento que formariam a base de toda a concepção futura sobre linguagem: o diálogo como unidade do enunciado. Como o seu companheiro, Bakhtin se nutre desse conceito para formular as suas bases teóricas, que seriam desenvolvidas

nos anos futuros, durante e após a segunda guerra, principalmente no desdobramento do conceito de gêneros do enunciado, nos anos 1950, cujos contornos foram dados inicialmente por Vološinov e por Medviédev (1891-1938). Ao incluir os gêneros da palavra ou do enunciado, mais conhecidos no Brasil como gêneros do discurso, Bakhtin dirige o olhar para o papel do Outro na troca verbal, para o que considera o papel do leitor. Essa proximidade entre eles pode ser verificada quando aborda o conceito de compreensão ativa e as condições comuns entre escrevente e leitor. Para Bakhtin, também, “toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo, é de natureza ativamente responsiva [...]; toda compreensão é prenhe de resposta [...]” (BAKHTIN, 2003, p. 270). O caráter transitório da massa aperceptiva apontado por Jakubinskij, do aspecto imaterial do enunciado, recebe também comentários ao afirmar que “o sentido é potencialmente infinito, mas pode atualizar-se somente em contato com outro sentido (do outro), ainda que seja com uma pergunta do discurso interior do sujeito da compreensão” (BAKHTIN, 2003, p. 382). O encontro entre os sentidos do escritor e os do leitor, em comunhão, atualiza os sentidos em sua caminhada infinita de desenvolvimento. A compreensão como troca e atualização de sentidos toca nos princípios jakubinskianos e resvala nos de Vološinov, mas nada é mais próximo do que a observação que Bakhtin faz a respeito do conceito de comunhão, de fraternidade, que revela a natureza do compartilhamento de zonas fronteiriças de vivências e de experiências entre leitor e escritor trocadas por meio da palavra:

O aspecto propriamente semântico da obra, ou seja, o *significado* dos seus elementos (primeira etapa da interpretação) é, em princípio, acessível a qualquer consciência individual. Mas esse elemento semântico-axiológico (inclusive os símbolos) só é significativo para os indivíduos ligados por certas condições comuns de vida [...], em suma, por laços de *fraternidade* em um nível elevado. Aí ocorre a *comunhão*, em etapas superiores a comunhão no *valor supremo* (no limite absoluto). (BAKHTIN, 2003, p. 406. Grifos no original).

A comunhão em Bakhtin se aproxima da massa aperceptiva comum em Jakubinskij, necessária para o diálogo e para a compreensão. O ato de ler, como ato cultural que permite a troca entre os homens, é alimentado pelo mecanismo de perguntas e de respostas, não negligenciado por ele, nem por Foucault, tal como se verá mais adiante. Para Bakhtin, sobretudo,

Pergunta e resposta não são relações lógicas; não podem caber em uma só consciência (una e fechada em si mesma); toda resposta gera uma nova pergunta. [...] Se a resposta não gera uma pergunta, separa-se do diálogo e entra no conhecimento sistêmico, no fundo impessoal” (BAKHTIN, 2003, p. 408).

O diálogo une perguntas e respostas, respostas e perguntas, em movimento gerador de sentidos que estreitam os laços do psiquismo entre escritor e leitor, entre leitor e escritor, em dupla via, como é a natureza do diálogo. Em vez de usar a expressão *massa aperceptiva*, Bakhtin usa *fundo aperceptivo* e *campo aperceptivo*, sem referências a Jakubinskij ou a Vološinov, quando comenta sobre a necessária proximidade ou comunhão entre escritor e leitor:

Por exemplo, os gêneros de literatura popular científica são endereçados a um determinado círculo de leitores dotados de um determinado fundo aperceptivo de compreensão responsiva; a outro leitor está endereçado uma literatura didática especial e a outro, inteiramente diferente, trabalhos especiais de pesquisa. Em todos esses casos, a consideração do destinatário (e do seu campo aperceptivo) e a sua influência sobre a construção do enunciado são muito simples. Tudo se resume ao volume dos seus conhecimentos especiais (BAKHTIN, 2016, p. 64).

Inegavelmente, Bakhtin tomou os conceitos de Jakubinskij, como parece ter tomado os de Vološinov, a respeito do entendimento da compreensão não como o reconhecimento pelo leitor da identidade da palavra do outro, mas como uma busca pelo traço de novidade. Ele enfatiza, na mesma linha de seu companheiro, mas vinte anos depois, que compreensão não é uma ação que dubla, que repete o pensamento do outro:

O próprio falante está determinado precisamente a essa compreensão ativamente responsiva: ele não espera uma compreensão passiva, por assim dizer, que apenas duble o seu pensamento em voz alheia, mas uma resposta, uma concordância, uma participação, uma objeção, uma execução etc. (BAKHTIN, 2016, p. 26).

O ato de compreensão, ampliado por Bakhtin, está longe do entendimento de saber trocar as palavras do outro, inscritas no texto, pelas palavras da criança ou adolescente que o lê. Compreender seria o estabelecimento de relações entre massas

aperceptivas diferentes, mas não distantes. Nessa relação, o leitor reage de alguma forma, sem se tornar um mero dublê do escritor. Aqui reside a discussão entre o caráter passivo e o ativo do papel do leitor, um dos polos dessa relação.

JAKUBINSKIJ EM VIGOTSKI: PENSAMENTO E PALAVRA NA FALA INTERIOR

Se Vološinov e Bakhtin não se referem diretamente ao pensamento de Jakubinskij, Vigotski, por sua vez, dá a ele os créditos merecidos ao retomar seus estudos sobre as abreviaturas e as alusões. Antes de referenciar o mestre de Vološinov, ele recupera apontamentos de Tolstói (1828-1910) a respeito do assunto que inevitavelmente se encontra em Jakubinskij: “Tolstói chama a atenção para o fato de que, entre pessoas que vivem em um grande contato psicológico, a compreensão baseada apenas em uma linguagem abreviada, a meias palavras, é mais uma regra que uma exceção” (VIGOTSKI, 2001, p. 450). O que seria para Tolstói, via Vigotski, esse grande contato psicológico senão a massa aperceptiva comum, as experiências e vivências próximas, constituintes do psiquismo, comum a escritores e a leitores, de que falava Jakubinskij? Vigotski estabelece, então, o vínculo entre Tolstói e a sua referência, ao afirmar que

O estudo desse tipo de abreviações do discurso dialógico levou Yakubinski a concluir que a compreensão por suposição e o enunciado por insinuação a ela correspondente, sob a condição de que se conheça o assunto, e certa generalidade de massas aperceptivas nos interlocutores desempenham um imenso papel no intercâmbio verbal (VIGOTSKI, 2001, p. 450).

Vigotski repercute o pensamento de Jakubinskij ao colocar o conhecimento do assunto e a comunhão de massas aperceptivas dos interlocutores como condição para a compreensão de enunciados apenas sugeridos, não graficamente estendidos. Há certa insistência dele nesse tema, supostamente por ter sido convencido pelas aulas de seu mestre: “o diálogo sempre pressupõe que os interlocutores conheçam o assunto, que, como vimos, permite uma série de abreviações na linguagem falada e, em determinadas situações, cria juízos puramente predicativos” (VIGOTSKI, 2001, p. 454). As abreviações na linguagem falada são de natureza predicativa, tal como ele via a fala interior – predicativa, elíptica, truncada. A situação extraverbal

e a comunhão de massas aperceptivas superam a parcimônia de dados dos enunciados, porque não são eles os determinantes, ao contrário, são as condições imateriais as que orientam o diálogo e, portanto, a compreensão. Há, todavia, uma de suas observações que faz reparos ao caráter de predicação, de elipses e de parcimônia de dados da linguagem escrita. Para ele, “é perfeitamente compreensível que esses dois momentos, que facilitam a abreviação da linguagem falada – o conhecimento do sujeito e a transmissão imediata do pensamento através da entonação –, sejam totalmente excluídos pela linguagem escrita” (VIGOTSKI, 2001, p. 455). Não há como não discordar dessa sua conclusão, porque na escrita – e Jakubinskij apontava isso também – a linguagem também pode ser abreviada, predicativa, elíptica e truncada. Ela se mostra como uma ferramenta gráfica inscrita em suportes, mas não é necessário que seja inteiramente estendida, porque, muito mais do que na oralidade, a troca verbal na linguagem escrita se estriba em massas aperceptivas comuns, e quanto mais comunhão, menos dependência há em relação ao aspecto gráfico. Essas observações que faço aqui podem ser encontradas no pensamento de Foucambert, leitor de Vigotski, mas não diretamente de Jakubinskij.

FOUCAMBERT: APROXIMAÇÕES

Ao discutir o conceito de razão gráfica, Foucambert (1998) insere em suas argumentações uma longa citação de Vigotski – perto de página e meia – que analisa a especificidade da linguagem escrita em relação à oral e atribui a ela a já tão conhecida metáfora da álgebra da linguagem, dada a sua natureza altamente abstrata. Ele insiste no ato de ler como um ato em que o leitor entra com um capital cultural, ininterruptamente alimentado, que o permite colher dados visuais, mas tão só os necessários para a compreensão. Ao se tentar enquadrar as suas afirmações sob as lupas dos russos, há que se reconhecer algumas fugas desse enquadramento, sem que sejam todavia desprezadas, porque o núcleo delas se mostra muito próximo desses olhares. Em vez de troca, de diálogo, Foucambert usa conceitos de teoria da comunicação e da informação: “A leitura, como qualquer comunicação, supõe que quem lida com a mensagem invista nela uma quantidade de informação bastante superior àquela que extrai (não confundir com aquela que o autor já colocou, conscientemente ou não)” (FOUCAMBERT, 1998, p. 106). Ele dá destaque ao que constitui a mente do leitor em relação ao que se apresenta diante dos olhos, sem se

distanciar do papel atribuído à massa aperceptiva pelos russos. Não deixa, como eles, de reconhecer o papel das experiências e vivências do leitor:

Essa atividade perceptiva conduz o leitor a dar uma significação ao texto escrito, associando – entre si e com o conjunto de suas experiências passadas – os elementos percebidos, e a guardar deles uma lembrança sob a forma de impressões, julgamentos, ideias (FOUCAMBERT, 2008, p. 62).

Merecem destaques em sua citação as alusões à *atividade perceptiva* como ato possível graças à relação entre o que está diante dos olhos, à massa aperceptiva de Jakubinskij, e o ato de atribuir valor, de julgar em Vološinov (2010) e em Bakhtin (2016). Embora não dê relevância explícita à relação entre escritor e leitor, mas à do leitor com os textos, Foucambert se aproxima das afirmações aqui comentadas, ao considerar que o Outro, o leitor, se opõe ou concorda com o escritor, isto é, mostra-se leitor ativo, que quer trocar experiências e cultura, que quer, em síntese, compreender, porque, para ele,

O modelo interacionista coloca, portanto, como hipótese que a compreensão não é produto da atividade de leitura, mas a atividade em si, pela qual operam a construção de conteúdos semânticos e a abordagem das unidades gráficas. A compreensão é, nesse caso, um processo, não um resultado; é o processo de questionamento recíproco de um capital gráfico diante dos olhos e de um capital semântico atrás do olhos. O resultado é a significação atribuída ao texto, a mudança que provocou nas representações do leitor (FOUCAMBERT, 1998, p. 120).

Apesar de conceber o ato de ler como um questionamento entre o que está diante dos olhos e o acervo cultural, o núcleo do processo não se situa nas relações entre os homens mediados pela escrita, mas centra-se no próprio leitor. Foucambert entende que a significação é atribuída ao texto, em vez de entender o texto não como o objeto fim, mas como criação cultural em linguagem escrita que medeia a troca e o desenvolvimento de massas aperceptivas culturalmente aproximadas.

CONCLUSÃO

A elaboração deste artigo foi norteada pela intenção de evidenciar o papel fulcral dos aspectos imateriais no ato de ler. Comumente, gestões de práticas metodológicas ou as suas análises dedicam tempo e direcionamentos para o aspecto material desse ato, principalmente para iluminar a confusão ou a contaminação de atos distintos, mas tomados como equivalentes, como pronunciar, vocalizar, proferir, transmitir sentidos e, sobretudo, essencialmente, ler. Aqui, o interesse foi o de contornar os dados materiais para tratar do que é necessário para o ato de aprender a ler, o acervo cultural do leitor, o seu psiquismo constituído por suas experiências e vivências, organizado em signos, notadamente os verbais.

Esta incursão aqui feita em alguns estudos de Jakubinskij, de Volóchinov, de Bakhtin, de Vigotski e de Foucambert permitiu encontrar traços comuns entre todos eles, cujas referências primeiras puderam ser encontradas no primeiro autor aqui citado. Os primeiros, de origem russa, tomam expressões comuns, próximas uns dos outros, como *massa aperceptiva*, *fundo aperceptivo*, *apercepção*, enquanto o último, fora desse universo geográfico, cultural e temporal, usa *capital semântico atrás dos olhos*. Todos, entretanto, insistem na ideia de que o conhecimento do funcionamento da língua não fornece as condições necessárias para a formação inicial, nem a formação crescente e infinita do leitor nos múltiplos gêneros já criados pelo homem, nos que estão sendo criados e nos que serão criados. Se o aspecto imaterial é constitutivo do ato de ler, a formação das crianças exige que elas sejam alimentadas de vivências, de experiências, em suma, de cultura, para que vençam os obstáculos que a própria escola a elas impõe ao dedicar atenção quase exclusiva ao aspecto material da escrita.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia*. Trad. de Ivone de Castilho Benedetti. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Trad. de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso*. Trad. de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.
- FOUCAMBERT, J. *A criança, o professor e a leitura*. Trad. de Marleine Cohen e Carlos Mendes Rosa. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- FOUCAMBERT, J. *Modos de ser leitor: aprendizagem e ensino da leitura no ensino fundamental*. Trad. de Lúcia P. Cherem e Suzete P. Bornatto. Curitiba: Editora UFPR, 2008.

- JAKUBINSKIJ, Lev. Sur la parole dialogale. In: JAKUBINSKIJ, Lev. *Lev Jakubinskij, une linguistique de la parole (URSS, années 1920-1930)*. Textes édités et présentés para Irina Ivanova, traductions d'Irina Ivanova et Patrick Sériot. Limoges: Lambert Lucas, 2012.
- LANGENSCHIEDT TASCHENWÖRTERBUCH. *Der Portugiesisch-Deutsch-Deutsch-Portugiesisch*. Berlin: Langenscheidt, 2011.
- VIGOSTKI, L. S. *A construção do pensamento e da linguagem*. Trad. de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- VOLOŠINOV, V. N. *Marxisme et Philosophie du Langage: les problèmes fondamentaux de la méthode sociologique dans la science du langage*. Trad. de Patrick Sériot et Inna Tylkowski-Ageeva. Limoges: Lambert-Lucas, 2010.

SOBRE O AUTOR

Dagoberto Buim Arena é graduado em Letras pela Universidade Estadual Paulista. Tem Mestrado e Doutorado em Educação pela Universidade Estadual Paulista. É professor do Departamento de Didática e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual Paulista, câmpus de Marília. Tem experiências na área de Educação, com pesquisa nos seguintes temas: alfabetização e filosofia da linguagem em Volochinov e Bakhtin.
E-mail: dagobertobuim@gmail.com.

Recebido em 02 de agosto de 2019 e aprovado em 25 de novembro de 2019.